



Nesta edição

**Artigo de
Opinião: Brasil
real
e Brasil
imaginado no
cinema**
Por Júlia Gonçalves de
Melo

Pág. 4

**Entre Heranças
e Silêncios**
Por Brenda Sampaio

Pág. 2



**Coluna de
Opinião:
Qual Brasil
é o
verdadeiro?**
Por Douglas Rezende

Pág. 4

***O Brasil que
anda: ciência
nacional cria
esperança para
lesões na coluna***

Pesquisadores da UFRJ criam uma substância desenvolvida 100% no Brasil, a polilaminina, uma proteína inspirada na placenta humana, capaz de reativar conexões nervosas.

Pág. 2



***Josias de Souza
relaciona apro-
vação da PEC
da Blindagem
ao “jeitinho
brasileiro” em
entrevista***

No dia 17 de setembro de 2025, o canal da UOL no YouTube publicou uma entrevista com o colunista Josias de Souza, que analisou a aprovação da chamada PEC da Blindagem na Câmara dos Deputados.

Pág. 6

***Crônica:
O Brasil no
ônibus***

E, no balanço incômodo do veículo, o país seguia viagem, carregando seus passageiros e suas contradições, entre o sonho de ser o “país do futuro” e a dura rotina de um presente que insiste em não mudar.

Pág. 5

***Entrevista com Dra. Beatriz
Souza e André Lima: Favela -
Arquitetura da Resistência ou
Arquitetura da Desigualdade?***

Uma reflexão sobre arquitetura e urbanismo no Brasil, com foco nas favelas territórios muitas vezes reduzidos a cartões-postais, mas que revelam histórias de luta, precariedade e ausência de políticas públicas.

Pág. 3

EDITORIAL

Entre Heranças e Silêncios

Por Brenda Sampaio

Filhos de tantos povos, o Brasil se constrói a partir da mescla de uma rica diversidade cultural. Mas os silêncios entremeados disfarçam a violência, a dominação e a opressão que também construíram essa nação e que hoje exibem seus desdobramentos em uma estrutura social desigual que privilegia corpos e heranças brancas, europeias e estadunidenses. A formação de um país que depois de invadido teve sua história reconstruída como se essa terra tivesse passado a existir com a chegada do europeu escravocrata e imperialista explica e perpetua uma postura de colônia, que, mesmo com a dita independência, prevalece. E essa postura que está escancarada em governos e alianças políticas, em instituições e modelos educacionais se reflete também nas individualidades, nas percepções e ações que cada um foi criado e moldado por essa cultura subalterna que se enxerga como menos menos,

completa, primitiva. Em nosso cotidiano as vozes da diversidade que compõem a unidade brasileira são silenciadas e desfavorecidas. Os processos de dominação se enraízam culturalmente até que tenhamos sido ensinados no berço a desvalorizar saberes e modos de viver não capitalistas, não europeus. E diante dessa realidade de dominação, à Luz de pensadores que, ainda que não se intitulam como tal, assumem posturas decoloniais, questionando modelos e saberes importados, revisitando outras origens, outras histórias, outras narrativas e outras visões, nossa redação se compromete a perceber e denunciar as nuances entremeadas nessa herança de dominação que tanto se apresenta em estruturas feitas para desfavorecer seu próprio povo até por suas próprias representações, até hoje servindo de subserviente palco para as tramas de sistemas imperialistas de dominação. A era da pós-verdade, portanto, não é

apenas marcada pela mentira travestida de fato. É também marcada pela banalização da fala pela manipulação. A verdade, nesse contexto, tornou-se refém de algoritmos, bolhas de confirmação e performances públicas. Enquanto isso, verdades incômodas, ditas por sujeitos considerados “fora da ordem”, seguem sendo descartadas como delírios, ressentimentos ou exageros. Falar, então, é mais do que emitir palavras: é reivindicar um espaço de existência. Por isso, escutar as vozes silenciadas é um ato político. É necessário romper os filtros de exclusão que impedem certos corpos de ocupar espaços de fala legítima. É preciso desconfiar daquilo que é apresentado como verdade universal, pois todo discurso carrega consigo o peso das estruturas de poder que o autorizam. Neste momento histórico em que os discursos moldam realidades e verdades são fabricadas ao gosto do algoritmo, precisamos mais do que nunca refletir: quem está falando, com que autoridade e a serviço de quais interesses?

O Brasil que anda: ciência nacional cria esperança para lesões na coluna

Pesquisa da UFRJ desenvolve proteína inédita que devolve movimentos a tetraplégico e coloca a ciência brasileira entre as promessas da medicina mundial.

Por Guilherme Borges

O mineiro Bruno Drummond de Freitas teve a vida virada do avesso após um acidente de moto em 2018. A lesão na cervical o deixou tetra-plégico — diagnóstico sem volta, diziam. Mas foi a ciência brasileira que provou o contrário.

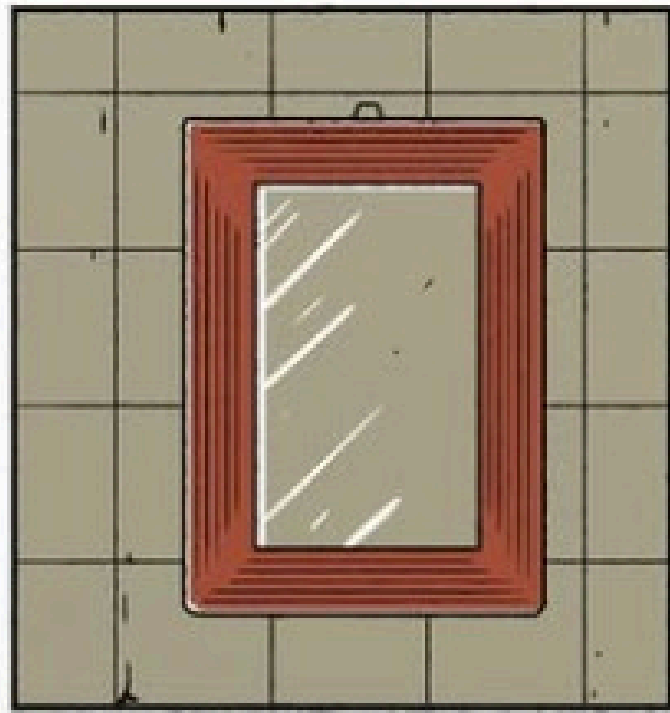
Pesquisadores da UFRJ aplicaram em Bruno uma substância desenvolvida 100% no Brasil, a polilaminina, uma proteína inspirada na placenta humana, capaz de reativar conexões nervosas. Meses depois, Bruno voltou a mover o corpo e a andar parcialmente.

Por trás do feito está a equipe da professora Tatiana Coelho de Sampaio, que mesmo com corte de verbas, laboratórios precários e pura teimosia científica, desenvolveu uma das maiores promessas da medicina mundial. A polilaminina, criada em parceria com o Laboratório Cristália, já tem autorização da Anvisa para testes clínicos. E tudo isso sem depender de universidades estrangeiras, nem de tecnologia importada.

Essa é a cara do Brasil Real: o país que, com criatividade, suor e inteligência, transforma a falta de recurso em resultado. Enquanto o mundo duvida, o Brasil inventa, cura e avança, de jaleco, de coração e com o pé firme no chão que é nosso.

These things

REPRESENT BRAZIL MORE THAN SOCCER AND SAMBA



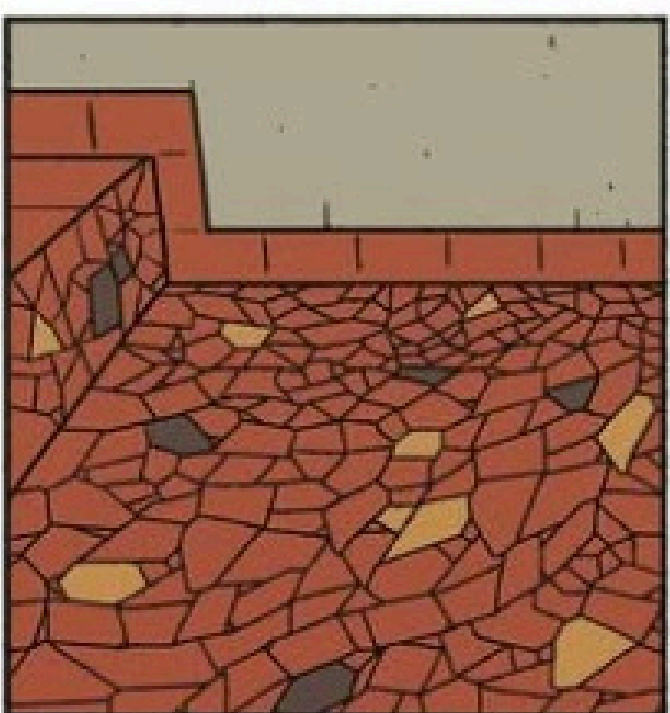
Espelho de borda laranja



Cafezinho em copo americano



Filtro de barro



Piso de caquinhos

ENTREVISTA

Favela - Arquitetura da Resistência ou Arquitetura da Desigualdade?

Por Allison Oliveira

“Da arquitetura da urgência à urgência por justiça: pensar as favelas como espelho do país.”

Olá! Eu sou o Alli! E nesta segunda edição do Clarim do PET 2025, trazemos uma reflexão sobre arquitetura e urbanismo no Brasil, com foco nas favelas, territórios muitas vezes reduzidos a cartões-postais, mas que revelam histórias de luta, precariedade e ausência de políticas públicas. Para essa conversa, contamos com a participação da urbanista Dra. Beatriz Souza e o arquiteto social André Lima, que nos ajudam a compreender como esses espaços expressam a realidade concreta do Brasil.

Alli: Quando falamos em favelas, o olhar externo costuma romantizar como “comunidades vibrantes” e “paisagens coloridas” que hoje se tornaram um dos principais pontos turísticos do Brasil. Mas, na prática, elas refletem abandono histórico e falta de planejamento urbano. Dra. Beatriz, como compreender as favelas dentro da nossa trajetória social?

Dra. Beatriz Souza: As favelas são fruto direto da marginalização histórica da população negra após a abolição. Em 1888, milhões foram libertos sem acesso à terra, emprego ou moradia. Sem políticas públicas, ocuparam encostas e áreas periféricas, invisíveis para o urbanismo oficial. O Brasil real é marcado pela segregação espacial, não pela democracia racial vendida no imaginário estrangeiro.

Alli: André, em termos estruturais, o que mais se evidencia nessas ocupações?

André Lima: A dificuldade de acessibilidade. Becos e vielas estreitas dificultam o deslocamento dos próprios moradores. Idosos e pessoas com deficiência sofrem ainda mais diante das escadarias íngremes e passagens apertadas. Esse modelo revela uma cidade desigual: a parte formal é projetada, enquanto a parte popular nasce da urgência.

Dra. Beatriz Souza: E somam-se os riscos. Nos períodos de chuva, casas construídas em en-



costas frágeis, sem fundação adequada correm perigo constante de deslizamento. A cada temporal, famílias perdem seus bens e muitas vezes suas vidas. Não é “fatalidade natural”, mas consequência direta da negligência direta da negligência do poder público em oferecer habitação segura.

André Lima: Há também a questão interna das moradias. Muitos lares são compostos por cômodos minúsculos, sem ventilação adequada, sem insolação e sem espaço para circulação. O que deveria garantir conforto e dignidade torna-se um espaço de sobrevivência.

Alli: E quanto ao controle de facções nesses territórios?

Dra. Beatriz Souza: Justamente por serem áreas vulneráveis e de difícil acesso, a presença do Estado se torna rarefeita. Isso abre espaço para que facções assumam o controle, transformando as favelas em territórios à parte. O Estado aparece quase sempre pela via da repressão, reforçando o ciclo de violência.

André Lima: Esse é o Brasil real:

famílias vivendo em morros inseguros, em casas frágeis, sob risco de desastres e sob domínio de forças paralelas. Não por escolha, mas por um projeto político que historicamente relegou milhões de pessoas às margens.

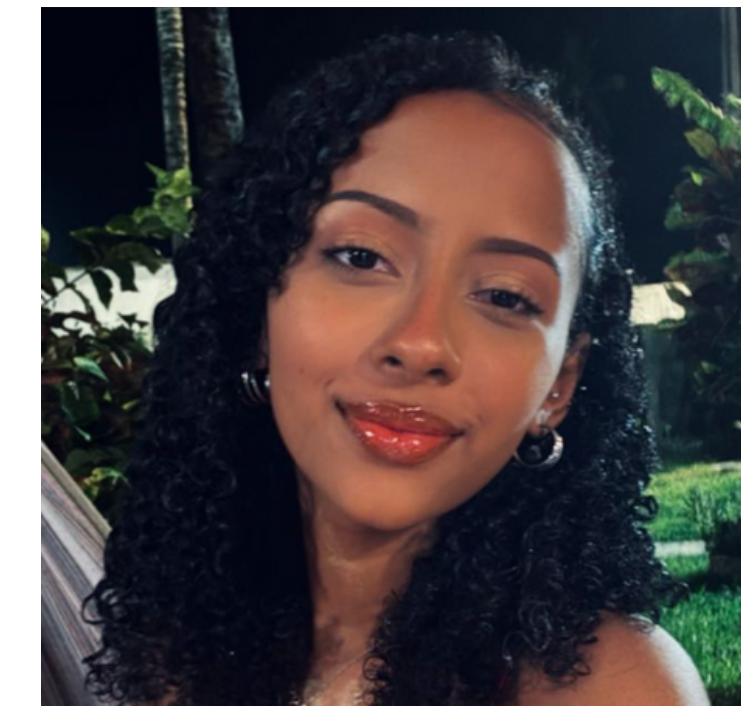
Alli: Então, podemos afirmar que as favelas são a materialização de nossa desigualdade urbana?

Dra. Beatriz Souza: Sim. São territórios de resistência e vida, mas também um testemunho das falhas estruturais do nosso urbanismo.

André Lima: Planejar cidades é muito mais do que erguer prédios icônicos. É garantir que ninguém precise viver no limite entre a dignidade e a tragédia.

Alli: Agradecemos profundamente à Dra. Beatriz Souza e ao arquiteto André Lima pela participação nesta segunda edição do Clarim do PET 2025. Que esta entrevista seja um convite à reflexão: enquanto o Brasil imaginado exhibe o colorido dos morros, o Brasil real continua a clamar por justiça social, planejamento urbano e moradia digna para todos.

OPINIÃO



Brasil real e Brasil imaginado no cinema

Por Júlia Gonçalves de Melo

O Brasil que o mundo costuma conhecer é sempre o mesmo: futebol, samba, carnaval e corpos à beira-mar. Esse é o Brasil imaginado, construído por estereótipos e cristalizado em imagens que circulam em filmes e propagandas. Funciona como vitrine turística, mas não traduz a realidade de milhões de brasileiros. Esse retrato artificial ignora que, para além da festa e da bola no pé, há um país de contradições profundas. A desigualdade social, uma das maiores do mundo, atravessa o cotidiano de quem vive nas cidades e no campo. O transporte público precário, a falta de acesso à saúde, a insegurança alimentar e a violência urbana são experiências concretas e corriqueiras. Nada disso aparece no Brasil do cartão-postal.

As favelas, frequentemente retratadas apenas como territórios de criminalidade, também são parte desse Brasil invisibilizado. Elas carregam problemas sérios, mas também são espaços de potência cultural, de trabalho coletivo e de redes de solidariedade que mantêm milhares de pessoas de pé. São lugares onde nascem movimentos sociais, onde a arte resiste e onde a brasilidade pulsa em sua forma mais criativa e autêntica. O contraste entre o Brasil imaginado e o Brasil real não é uma simples questão de imagem: é um embate político. A insistência em divulgar apenas a versão festiva e exótica do país serve para esconder nossas feridas históricas, como a herança escravocrata, o racismo estrutural, a concentração de renda e a marginalização de populações inteiras. Enquanto isso, o Brasil real segue lutando por dignidade, por voz e por reconhecimento. Reconhecer essa distância é essencial para afirmarmos nossa identidade .

de forma plena. O Brasil não é só carnaval, embora seja também carnaval. Não é só futebol, embora também se reconheça na paixão pelos gramados. O Brasil é a soma de muitas camadas: a luta por moradia digna, a defesa da educação pública, a força das mulheres e das juventudes periféricas, a riqueza cultural que nasce nos cantos menos iluminados pelo olhar estrangeiro. Talvez a nossa maior tarefa como sociedade seja romper com a imagem que nos foi imposta e assumir a pluralidade que realmente nos define. A verdadeira brasilidade está na mistura de cores, sons, sabores e vozes, mas também na resistência cotidiana diante das dificuldades. É no Brasil real, contraditório e inacabado, que se encontra a essência de quem somos.

Qual Brasil é o verdadeiro?

Por Douglas Camelo Rezende Filho

Qual Brasil é o verdadeiro: o das praias de cartão-postal ou o das filas no posto de saúde? Todo país cria seus próprios mitos, mas o Brasil parece ter um talento especial para isso. Há o Brasil da foto perfeita — praias infinitas, floresta exuberante, música que não deixa ninguém parado, uma alegria que, de longe, parece inabalável. É a imagem que encanta turistas e alimenta campanhas publicitárias. Faz parte, também, do nosso orgulho nacional. Mas, quando a câmera se afasta do mar azul e das festas coloridas, surge outro país: o do asfalto quente, das enchentes que arrastam casas, da violência cotidiana. Entre esses dois Brasis, o sonhado e o vivido, mora a nossa história. A arte percebeu essa tensão antes de qualquer sociólogo. Da bossa nova que embalava um futuro leve ao rap que escancara a vida dura das periferias, cada batida revela o Brasil real e o Brasil imaginado. A literatura acompanha: Guimarães Rosa percorreu sertões épicos e rudes, enquanto Conceição Evaristo narra uma cidade que insiste em ser invisível. No cinema, de Glauber Rocha a Kleber Mendonça Filho, a utopia e a denúncia convivem



lado a lado, provocando e encantando. Essa dualidade não se limita à cultura; os números a escancaram. Segundo o IBGE, os 10% mais ricos concentram quase 60% de toda a renda do país. Em 2024, o número de famílias em situação de pobreza extrema voltou a crescer, um retrocesso em relação a 2019. Essa desigualdade se traduz em transporte público precário, educação desigual e na falta de saneamento que atinge cerca de 35 milhões de pessoas. É um Brasil que convive, lado a lado, com o luxo e a fome. Mas é justamente nesse choque que nos reconhecemos. O Brasil imaginado fornece combustível para a esperança; o Brasil concreto nos chama à ação. Fingir que um não existe é desperdiçar a chance de entender quem somos. É no contraste entre o sonho e a matéria que surgem movimentos sociais, manifestações culturais e mudanças políticas que, aos poucos, reescrevem a nossa narrativa coletiva. Entre o que é e o que poderia ser, seguimos em construção. Cabe a nós escolher qual Brasil vai prevalecer: o que se esconde atrás do cartão-postal ou o que encara, de frente, suas contradições. Talvez esteja aí a força que faz este país múltiplo, contraditório e fascinante continuar se reinventando.

SENSIBILIZAÇÃO

O Brasil no ônibus

Por Victoria Eva da Silva Oliveira

Era fim de tarde de terça-feira, hora do chamado “rush”, mas no Brasil parece que toda hora é hora do aperto. No ponto de ônibus, uma massa de gente se amontoava sob o sol ainda forte, tentando achar som-bra atrás de postes e placas. Cada rosto trazia sua pressa e seu can-saço: a senhora com sacolas de feira, o rapaz de mochila com uniforme da fábrica, a moça de salto que já tirara os sapatos para aliviar os pés. Quan-do o ônibus finalmente apareceu, gemendo como se também estivesse cansado, houve aquele movimento automático: todos avançaram, cada um tentando garantir seu espaço. Entraram espremidos, respirando o mesmo ar abafado, dividindo o mesmo chão gasto. Ali dentro, pa-recia que o país inteiro cabia entre aquelas quatro paredes metálicas: crianças no colo, trabalhadores exaustos, estudantes sonolentos, vendedores ambulantes. O rádio do motorista, como se debochasse de todos, tocava alto: “País tropical, a-bençoadado por Deus e bonito por natureza”. Alguns riram, outros balançaram a cabeça. Era como se a música viesse de um outro Brasil, um cartão-postal distante, muito diferente daquele coletivo lotado e quente, onde cada curva do caminho era uma luta para não cair. A senhora das sacolas fazia contas em voz baixa: “se o arroz subiu, vai ter que cortar o biscoito da neta”.

Um jovem de fone murmurava, quase como um desabafo, “Que país é esse?”. Perto da janela, um adolescente lia, com concentração rara, Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus. Quem o observasse poderia pensar: a cena do livro não está tão distante daquela ao redor. Mais à frente, um homem de camisa social desabafava alto: “Mas o brasileiro é assim mesmo, alegre, cordial, dá um jeito em tudo!”. Alguns riram, mas era riso de ironia,

não de alegria. A cada solavanco, o mito da cordialidade parecia se es-farelar um pouco mais. Cor-dialidade? Talvez só no discurso; no coletivo, o que se via era paciência forçada, sobrevivência no improviso. O ônibus parava e seguia, parava e seguia, como se fosse o coração de uma cidade cansada. Do lado de fora, os out-doors gritavam um Brasil moderno e sorridente: “Terra de oportu-nidades”, dizia um, com jovens felizes vestidos de verde e amarelo.

Dentro do ônibus, o Brasil real: suor, pressa, medo de perder a condução, cálculo mental do di-nheiro para a semana. Dois Brasis rodando juntos, mas que nunca se encontram.

Na porta, um vendedor oferecia balas com a frase ensaiada: “Compre uma e ajude na minha faculdade”. Quase ninguém com-prava, mas todos entendiam: ali estava mais uma face do país — a educação tratada como merca-doria, sustentada pelo esforço in-dividual. Entre uma freada brus-ca e outra, alguém comentou: “Esse é o nosso país: a gente a-guenta porque não tem es-colha.” O silêncio pesado que se seguiu disse mais do que qual-quer resposta.

No fim, talvez o verdadeiro retrato da identidade nacional estivesse ali, naquele coletivo em movimento: gente que resiste no calor, que improvisa diante da falta, que canta mesmo quando não há motivo para festa. O ônibus lotado era metáfora viva do Brasil: cheio de promessas no rádio e nos outdoors, mas pesado, lento e desigual no trajeto real. E, no balanço incômodo do veículo, o país seguia viagem, carregando seus passageiros e suas contradições, entre o sonho de ser o “país do futuro” e a dura rotina de um presente que insiste em não mudar.



Por Tainá Rincon

Esse é Gilderlei, 17 anos, jovem aprendiz, depois de um dia irritante. Gilderlei não aguenta mais viver nesse país sem poder de compra, ele ganha apenas meio salário trabalhando meio período e ainda é obrigado a estudar. Dizem pra ele que precisa estudar, mas ele sabe que isso é tempo perdido. O motivo da irritação de Gilderlei? O tênis que ele viu na vitrine estava 400 reais, a propaganda que viu na internet dizia que nos EUA estavam por 80 dólares. A vida de Gilderlei seria tão mais fácil se ele recebesse em dólar. Já pensou como seria bom pagar só 6 dólares no mesmo BigMac que você costuma pagar 30 reais? Gilderlei, 17 anos, sabe muito bem de quem é a culpa dos problemas do Brasil, da esquerda socialista, o liberalismo americano jamais o deixaria passar alguma ne-cessidade.

Dois Lados do Mesmo Sonbo

Por Tainá Rincon

Waldisson acorda todos os dias às seis. O despertador toca sempre na mesma hora, o Lá, dizem que há oportunidades. Aqui, dizem que há saudade.café é o mesmo, o ônibus é o mesmo, e o cansaço também. Trabalha oito horas por dia num balcão qualquer, atrás de um sorriso educado e de um salário fixo. Tem direitos, tem carteira assinada, tem férias e, ainda assim, sente que não tem a vida que queria. Sustenta a família com dignidade, mas carrega no peito o peso de um sonho engavetado. Ouvindo histórias de conhecidos que “se deram bem” no exterior, pensa que talvez a felicidade more na Europa.

Adamastor acorda antes do sol. O despertador é o corpo doendo. Trabalha por hora, quando aparece trabalho. Um “faz tudo” que troca de função conforme o dia e a necessidade alheia. Cuida de casas que nunca serão dele e ergue muros para famílias que jamais conhecerá. Sem saúde, sem previdência, sem segurança. É estrangeiro em terra fria, estrangeiro até no próprio corpo cansado.

Enquanto Waldisson reclama do Governo e sonha em partir, Adamastor, um conhecido dele foi deportado e perdeu tudo, outro foi preso por ser latino, logo, suspeito, a amiga... enterrada sem nome associada ao tráfico, amaldiçoa o destino e sonha em voltar.



Gigante Ferido

Por Victor Ananias

No berço esplêndido onde o sol reluz,
Há uma sombra antiga que a luz reduz.
Um país de contrastes, de dor e cor, Onde
a riqueza zomba do sofredor.

Nos morros, casebres em desafio,
Olham os palácios sob o céu sombrio.
A fome que ronda o prato vazio,
Enquanto o luxo navega no rio
Da indiferença, farto e vadio.

A bala perdida encontra um peito jovem,
Preto, pobre, alvo que as estatísticas
movem.
O grito de "justiça" ecoa no ar,
Mas a balança teima em não pesar
O peso da pele, a cor do lugar.

No planalto, ternos tecem seus conluios,
Desviam rios de dinheiro em desvios
sujos.

A lei se curva, a verba se desfaz,
E na fila do posto, o povo jaz,
Esperando a cura que não chega mais.

A floresta arde em chamadas de ganância,
O verde chora sua tristeza constante.
O trator avança, o indígena recua,
A terra sangra sob a lua nua,
E o futuro cobra a conta que é sua.

Oh, Brasil, gigante de pé ferido,
Até quando o sonho será iludido?
Até quando a esperança, por um triz,
Verá um povo enfim justo e feliz?

NOTÍCIA

Por Eduarda Amaral

Josias de Souza relaciona aprovação da PEC da Blindagem ao “jeitinho brasileiro” em entrevista

Jornalista relaciona aprovação da PEC da Blindagem ao “jeitinho brasileiro” e afirma que a crise ética na política reflete comportamentos enraizados na sociedade.

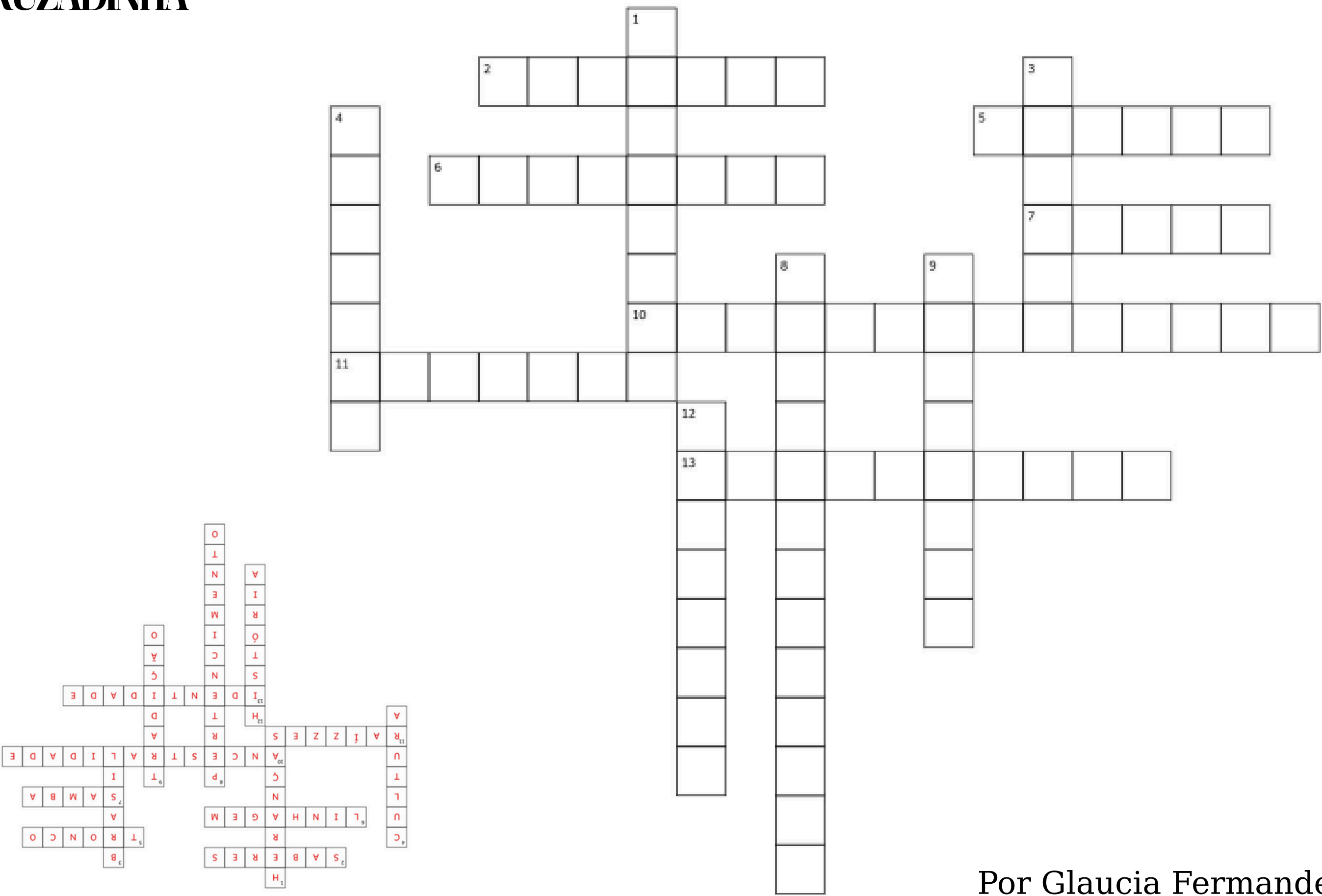
No dia 17 de setembro de 2025, o canal da UOL no YouTube publicou uma entrevista com o colunista Josias de Souza, que analisou a aprovação da chamada PEC da Blindagem na Câmara dos Deputados. O jornalista avaliou que o resultado da votação reflete não apenas a dinâmica política em Brasília, mas também um traço cultural profundamente enraizado no Brasil: o “jeitinho brasileiro”. A proposta, que ficou conhecida como PEC da Blindagem, foi aprovada após intensas articulações políticas e dividiu opiniões no cenário nacional. Para Souza, o processo legislativo que culminou na aprovação da medida se conecta a práticas recorrentes na vida social do país, em especial à busca de soluções rápidas e informais para interesses individuais. Segundo o colunista, a forma como muitos parlamentares conduzem suas ações revela comportamentos que não podem ser analisados isoladamente da sociedade. Ele argumenta que atitudes consideradas antiéticas no Congresso Nacional encontram paralelo no cotidiano dos brasileiros. “Esses éticos

chegam pelo voto. Eles representam, portanto, parte da população brasileira”, afirmou durante a entrevista. Souza destacou que o chamado “jeitinho brasileiro” é marcado pela tentativa de resolver problemas individuais por caminhos informais, muitas vezes fora das normas estabelecidas. Esse padrão cultural, segundo ele, contribui para a naturalização de condutas que fragilizam a ética pública. Para o jornalista, a superação desse cenário depende de um movimento que vai além do âmbito político. Ele defende que mudanças significativas na representação legislativa somente serão possíveis quando a sociedade assumir maior responsabilidade pelo papel que exerce nas eleições. “A representação política do Brasil só poderá evoluir quando a sociedade passar a enxergar em si própria os traços da falta da moralidade”, concluiu.



ENTRETENIMENTO

CRUZADINHA



Por Glaucia Femandes

A **Ancestralidade** é a conexão com a **Linhagem**, são **Heranças** deixadas, com **Raízes** de quem arou esse caminho que hoje trilhamos, é **Tronco** familiar das anciãs/os, que por meio da **Cultura**, da oralidade, de vivências e **História**, partilham **Saberes** ancestrais, repassados de geração a geração, é memória e **Pertencimento** cheio de **Tradição** como os costumes, ritos e rodas de **Samba**, isso sim, é **Identidade** de um povo que vive no **Brasil**.

CLASSIFICADOS

<div>Síndrome de Vira-Lata</div> <div><p>“Exportamos talento, mas importamos autoestima.”</p><p>Nelson Rodrigues batizou de síndrome o que ainda ecoa: o Brasil que desconfia de si mesmo enquanto reverencia o estrangeiro. Até quando vamos aplaudir de pé o que vem de fora e ignorar o que pulsa aqui?</p><p>INSIEME</p></div> <div>COP 30: Amazônia em Jogo</div> <div><p>Belém receberá a COP30. Investimento bilionário, promessas de soberania. Mas que Amazônia será mostrada ao mundo? A floresta viva ou a floresta negociada?</p><p>GOV.BR</p></div> <div>Brasil: país soberano</div> <div><p>“O Brasil é soberano. Interferência externa é inaceitável.”</p><p>Lula, após investidas de Trump, reafirma que pressões e sanções dos EUA ferem a autonomia do país. Defende unidade nacional, valorização interna e diversificação de parcerias, reforçando a importância de construir uma identidade brasileira soberana independente de influências estrangeiras.</p><p>Agência Brasil</p></div> <div><p>I Congresso Internacional de Equidade Étnico-Racial: museu, memória e resistência cultural Aconteceu no Brasil.</p><p>Aconteceu na Cidade de Goiás. Entre 15 e 19 de setembro, Goiás recebeu o I Congresso de Equidade Étnico-Racial. Não é só um evento, é a luta por espaço, memória, justiça social e reconhecimento, em um país que insiste em esquecer.</p><p>Secretária de Cultura da Cidade de Goiás</p></div>	<div>ABSOLUT CINEMA</div> <div><p>O inédito aconteceu: Ainda Estou Aqui ganhou o Oscar em 2025. Mas não é só vitória cinematográfica. É memória política, é justiça tardia, é Brasil que insiste em ser lembrado pelo que não se pode silenciar.</p><p>Forbes Brasil</p></div> <div>Brasil: terra indígena</div> <div><p>O Censo 2022 revelou: o Brasil é mais indígena do que o imaginado. Mas os números resistem à pergunta incômoda: por que ainda é preciso provar que Brasil é território indígena?</p><p>IBGE</p></div> <div>A Nova Guiana Brasileira?</div> <div><p>O que começou como uma brincadeira nas redes sociais ganhou proporções inesperadas. Em novembro de 2024, o time de futebol feminino do Barcelona anunciou a contratação da jogadora portuguesa Kika Nazareth utilizando a expressão "fala, galera!", típica do Brasil. A reação em Portugal não foi das melhores, com muitos considerando o uso da expressão como uma invasão de "brasileirismos". A resposta dos brasileiros veio rápida: criaram o meme "Guiana Brasileira", sugerindo que Portugal seria uma extensão do Brasil. Outros apelidos criativos surgiram, como "Pernambuco em Pé" e "Mato Grosso do Norte"</p><p>CNN Brasil</p></div> <div>Caramelo na Janela</div> <div><p>O vira-lata caramelo já era símbolo nacional, mas ganhou ainda mais fama ao aparecer em uma foto viral na janela de uma casa da Cidade de Goiás (GO). Patrimônio afetivo, mistu-</p></div>	<div><p>ra sem pedigree, vigia sem farda: ele se tornou metáfora do Brasil, simples, resistente e, sempre com olhar sereno para o mundo.</p><p>Oeste Geral</p></div> <div>Povo Bantu</div> <div><p>Originários da África Subsaariana, os bantos chegaram ao Brasil escravizados e deixaram marcas profundas: palavras do dia a dia (“caçula”, “quitanda”), sabores na cozinha (angu, feijoada), religiosidade (candomblé, umbanda) e ritmos como o samba. Presente na língua, no prato e no tambor. Invisibilizada nos livros. Reconhecer a herança banto não é só cultura, é reparação histórica.</p><p>Jornal da USP</p></div> <div>O Rio de Janeiro e a Guerra Civil: Uma Longa Conexão</div> <div><p>O Rio de Janeiro, outrora símbolo da grandiosidade nacional, enfrenta uma guerra civil silenciosa, onde o Estado perdeu o controle de vastas áreas urbanas. Milícias e traficantes dominam territórios, impondo toques de recolher, bloqueios de ruas e a ausência de serviços públicos essenciais. Essa realidade é fruto do abandono histórico da União, que negligenciou a cidade após a transferência da capital para Brasília na década de 1960. A fusão do Estado da Guanabara com o Es-tado do Rio de Janeiro, em 1974, criou um ente fede-rativo disfuncional, sem identidade administrativa ou política coesa, resultando em uma gestão fragmentada e ineficaz.</p><p>Migalhas</p></div>
---	--	--



**CÂMPUS
GOIÁS**



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



fnde | Fundo Nacional de
Desenvolvimento
da Educação



**SITE
PET VILA BOA**



**INSTAGRAM
PET VILA BOA**